XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social – ABRAPSO

Maceió – AL, 30 de outubro a 02 de novembro de 2009

"PREFIRO A MINHA LIBERDADE": FALAS SOBRE ESTAR SOLTEIRO(A) EM SALVADOR

Darlane Silva Vieira Andrade – Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo – PPGNEIM, Universidade Federal da Bahia, UFBA. E-mail: psicologa@darlane.com.br

RESUMO

Este trabalho visa apresentar resultados preliminares da minha tese de doutoramento que está sendo construída no Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo na Universidade Federal da Bahia. Tem como objetivo compreender como se constroem os significados, as práticas e as concepções que homens e mulheres adultos, das camadas médias urbanas em Salvador têm em torno da configuração de um estilo de vida na condição de serem solteiros e identificar quais as implicações deste estilo de vida nas suas relações amorosas, a partir das lentes de gênero. Falar em gênero, desde a perspectiva feminista, é trazer a discussão sobre as construções sociais, históricas e culturais das identidades impressas sobre os corpos sexuados, é se ater às relações de poder, aos símbolos e discursos que representam essas construções e questionar o modelo hegemônico patriarcal e a heteronormatividade que está por trás delas. Assim, a imposição social sobre o casamento e a constituição de família, com filhos, recai sobre as pessoas adultas como se esta fosse uma norma para se ter um lugar social valorizado. No entanto, as pessoas solteiras podem representar um movimento de ruptura, possível a partir de mudanças sociais, de valores e comportamentos que vem acontecendo de forma acelerada na atualidade. Os dados preliminares do estudo foram colhidos através de grupo focal realizado em três encontros, composto por sete pessoas, quatro mulheres e três homens, com idades variando entre 31 e 47 anos, todas solteiras (sem um relacionamento amoroso estável), pertencentes à classe média e morando sozinhas em Salvador. As falas de homens e mulheres remeteram a uma concepção positiva do estar solteiro(a), e também de morar só, possibilitada pela liberdade de escolha tanto na forma de organização da rotina, das atividades de lazer, como no campo afetivo-relacional onde buscam preservar a individualidade e exercer o prazer. O sentimento de solidão pouco existe, porque é afastado com a auto-satisfação em estar só e o fortalecimento das redes sociais, além dos usos das tecnologias de comunicação para manutenção destas redes. Outras falas trouxeram os diferentes olhares sobre o casamento, com questionamentos em torno da não-liberdade que este pode proporcionar, e que por isso não é opção para algumas pessoas do grupo. As falas trouxeram as dimensões de gênero, idade e classe, importantes para a análise das relações sociais e que merecem atenção em estudos da psicologia social.

Palavras-chaves: gênero, pessoas solteiras, grupo focal

1 APRESENTAÇÃO

Este novo milênio tem sido marcado por transformações significativas nos diversos âmbitos principalmente no campo da intimidade – família, conjugalidade, sexualidade, relações afetivo-sexuais (GIDDENS, 1992), que pesquisadores/as de diversos campos do saber procuram compreender. As mudanças emergem a partir das transformações no sistema econômico capitalista, com o *boom* da globalização e as inovações nas tecnologias da comunicação, que juntamente com diversos outros aspectos, tem implicações importantes nos modos de viver e de se relacionar em sociedades urbano-industriais ocidentais contemporâneas (GUIDENS, 2000; CASTELLS, 1999). Estas sociedades são marcadas pelos processos de subjetivização e individualização que caracterizam as classes médias urbanas (VELHO, 1989), especificamente, onde as pessoas estão cada vez mais construindo escolhas e projetos desvinculados de uma coletividade, tendo o "eu" como referência, característico de uma cultura narcísica (LASCH, 1983), intimista e individualista. Isto porque, segundo Giddens (2000) e Severiano (2001) as regras sociais, as tradições e as instituições que davam um sentido de unicidade e segurança ao "eu" porque eram pautadas em modelos lineares e estáveis, agora, na contemporaneidade, encontram-se marcadas pela pluralidade, diversidade, instabilidade e transitoriedade.

Desta forma, no campo da intimidade, emergem diversas configurações de famílias, uniões conjugais, relações amorosas, além das múltiplas possibilidades de exercício da sexualidade para homens e mulheres, desencadeadas principalmente a partir da década de 1960. Incidiram sobre estas mudanças uma série de fatores, dentre eles, a entrada maciça das mulheres (burguesas) no mercado de trabalho, a criação e disseminação do uso de anticoncepcionais (mais simples e efetivos, desvinculando o sexo da maternidade), a diminuição da religiosidade e a difusão da psicanálise, com maior impacto no aumento do sexo pré-marital e de vidas sexuais mais livres (em especial para as mulheres), na comunicação mais franca entre as pessoas, além do desenvolvimento e maior divulgação dos estudos sobre temas relacionados à sexualidade (JABLONSKI, 1998).

Neste cenário, chama atenção o aumento do número de pessoas solteiras e que moram sozinhas (CASTELLS, 1999), também no Brasil. Dados do censo demográfico realizado no ano 2000 mostram que o tipo de domicílio que mais cresceu no país foi o unipessoal - constituído por uma só pessoa, no período entre 1991 e 2000, numa proporção de 32,5%, passando de 6,5% (2,4 milhões) do total de famílias, em 1991, para 8,6% (4,1 milhões), em 2000. Aumentou também o número de pessoas solteiras na faixa etária dos trinta anos, para 26% da população (NERI, 2005), o que não era de se esperar, porque nesta faixa etária comumente as pessoas estavam casadas e com filhos, principalmente as mulheres. Alguns estudos atuais começam a discutir essa problemática apontando as novas representações e novos lugares sociais de homens e mulheres que vivem sós no Brasil contemporâneo.

Gonçalves (2008) em sua tese realizada em Campinas, chama atenção para a emergência de um novo estilo de vida das novas pessoas "solteiras" e uma nova construção das noções de mulheres "sós" no Brasil contemporâneo: mulheres "autônomas" e "independentes", "senhoras do seu destino", diferente de antigas e

estereotipadas concepções sobre quem não se casou. Esta noção é corroborada em estudo que realizei no mestrado (ANDRADE, 2007), em Salvador, e com o estudo de Tavares (2008) – que trouxe dados de Salvador e Aracajú – discutindo como homens e mulheres vivem a "solteirice" com autonomia, independência e carregam a noção de liberdade de escolha para suas formas de viver e se relacionar.

Pensando nas pessoas solteiras e que moram sozinhas em Salvador, este estudo tem como objetivo compreender como se constroem os significados, as práticas e as concepções que homens e mulheres adultos, pertencentes às camadas médias urbanas em Salvador, têm em torno da configuração de um estilo de vida na condição de serem solteiros e identificar quais as implicações deste estilo de vida nas suas relações amorosas.

2 METODOLOGIA

O estudo utiliza a epistemologia feminista (HARAWAY, 1995; HARDING, 1998) que realiza uma crítica a teorias androcêntricas e se compromete com um olhar situado sob o "ponto de vista" de quem constrói o conhecimento. Adota o gênero como uma categoria de análise, de cunho político e relacional que envolve relações de poder, articulada com outras dimensões da vida social como as de classe, raça/etnia, idade/geração, orientação sexual e espaço/localidade. Remete ainda ao caráter interdisciplinar e privilegia a metodologia qualitativa (SCOTT, 1998; DE LAURETIS, 1994; FLAX, 1992).

Desde esta perspectiva, questiona-se o modelo heteronormativo ou da heterossexualidade compulsória (WITTIG, 1992; BUTLER, 2003) que está na base das construções dos gêneros e das relações sociais. Isto significa que o considerado "normal" é o que segue a regra heterossexual – imposta pelos modelos de casamento, família, relações e identidades hegemônicas -, o que gera opressão e rigidez nas identidades e sexualidades.

Assim, a imposição social sobre o casamento e a constituição de família, com filhos, recai sobre as pessoas adultas como se esta fosse uma norma para se ter um lugar social valorizado, e também vai ser considerado um marco para a entrada na vida "adulta e responsável" (GUERREIRO & ABRANTES, 2005). No entanto, as transformações sociais atuais, no âmbito da intimidade, nos valores e comportamentos, apontam algumas rupturas quando outras formas de relações e identidades – por exemplo, as dos gays e lésbicas – emergem e as pessoas solteiras podem estar representando este movimento de mudanças.

O estudo privilegiou a metodologia qualitativa, tendo o grupo focal como instrumento de coleta de dados. Considerando que o estudo está em construção, o grupo focal funcionou neste primeiro momento, como um disparador de questões a serem aprofundadas em entrevistas de histórias de vida além de favorecer a seleção de sujeitos para estas entrevistas, a serem realizadas em momento posterior.

O grupo focal se caracteriza como um "conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir e comentar um tema, que é objeto de pesquisa, a partir de sua experiência pessoal" (KITZINGER, 1994, p.103 apud GATTI, 2005). Nas pesquisas nas áreas de ciências sociais e humanas o grupo focal tem por objetivo captar, a partir das trocas realizadas no grupo, conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações, de modo que não seria possível em outros métodos, isto porque no grupo focal

há a possibilidade da interação entre as pessoas participantes E ainda, o grupo permite compreender processo de construção da realidade por determinados grupos sociais, assim como práticas e comportamentos em relação a fatos e eventos específicos, dentro de uma coletividade (GATTI, 2005).

Foram realizados três grupos focais, com duração média de duas horas e quinze minutos. Os grupos foram compostos por sete pessoas, quatro mulheres e três homens, sendo que não havia a obrigatoriedade de participação das pessoas nos três encontros. Os grupos foram conduzidos por mim e por uma auxiliar de pesquisa. Os encontros foram gravados e transcritos.

A seleção dos/as participantes foi feita através da minha rede de contato social que indicava pessoas dentro do perfil solicitado: ser solteiro/a – não possuir relacionamento amoroso estável, ter idade acima de 30 anos, morar sozinho/a, morar em Salvador, pertencer à classe média ou média-alta.

3 RESULTADOS PRELIMINARES: ALGUMAS FALAS SOBRE ESTAR SOLTEIRO/A EM SALVADOR

3.1 Os/as participantes e os grupos focais

Os/as participantes do estudo têm idades variando entre 31 e 47 anos (média de 38 anos), tem orientação sexual heterossexual, sendo um homem homossexual, predominando as cores parda e branca. Todos/as são solteiros/as (sem um relacionamento amoroso estável). Algumas pessoas tiveram relacionamentos estáveis no passado e casamentos informais. Um homem tem um filho, mas nunca conviveu com a mãe deste.

Possuem graduação, com exceção de um homem que tem o segundo grau. Exercem ocupações variadas como professor/a, empresário/a e dentista, com renda mensal variando entre 4 a 10 salários mínimos, sendo que um homem tem renda de 22 salários mínimos (o salário mínimo vigente no ano de 2009 é quatrocentos e sessenta e cinco reais). Moram sozinhos/as na cidade de Salvador, em bairros considerados nobres na cidade como Jardim Apipema e Pituba. Quatro participantes são naturais de Salvador, dois nasceram em outros estados e um no interior da Bahia, mas vive em Salvador há mais de dez anos.

Nos grupos, as pessoas interagiram de modo a expressarem opiniões e também vivências em torno da “solteirice” em Salvador, estimulados a partir de questões propostas em torno da vida de solteiro/a e dos significados em ser ou estar solteiro(a), a vida amorosa, o morar sozinho/a – como é, vantagens e dificuldades encontradas – solidão, estratégias para lidar com a solidão e as expectativas para o futuro. No processo do grupo, emergiram questões significativas que apontavam opiniões sobre casamento e papéis de gênero nesta relação, preconceitos contra quem ainda não se casou principalmente em torno da idade, construção de identidade e práticas homoafetivas.

Neste trabalho serão privilegiadas as falas referentes à vida de solteiro/a em Salvador, apontando alguns aspectos sobre a preferência e/ou vantagens em estar solteiro/a. Nas falas foram considerados os lugares de gênero, classe, idade, localização e orientação sexual desde os quais estas pessoas se posicionavam, para tornar visível estes aspectos.

3.2 Algumas falas sobre estar solteiro/a em Salvador

Ao serem perguntados sobre a vida de solteiro/a em Salvador, os/as participantes discutiram como a cidade proporciona lazer e diversão para quem está solteiro/a, tendo lugares específicos para este público, apesar de serem limitados porque a maioria destes locais é frequentado por pessoas mais jovens, abaixo dos trinta anos. As pessoas acima dos trinta anos dão preferência por bares, pubs e restaurantes que funcionam durante a semana, também costumam viajar, fazer reuniões em casa de amigos/as, ir a cinema ou ficarem em casa. A casa é um ambiente de aconchego e a ela é dada prioridade também no lazer.

> Eu acho que Salvador é uma cidade boa para ser solteiro. A cidade proporciona muita coisa para as pessoas solteiras fazerem. Aqui você pode ir para bares, shows, cinema. Não fica limitado (Andréia, 32 anos, heterossexual, branca, professora, baiana)

Alguns serviços também facilitam a vida de solteiro/a como supermercados que ficam abertos 24 horas e outros serviços que trazem praticidade para a vida cotidiana. Foi relevante para o sentimento de satisfação com a vida de solteiro/a, a pessoa se sentir bem sozinha, o que foi percebido pela opção que grande parte do grupo fez em morar só.

> [morar sozinha] é muito bom, tenho minhas rotinas também, quando eu estou a fim quebro todas elas, todas, entendeu...o prato fica o dia todo quando eu estou a fim de lavar no outro dia eu lavo tudo junto no outro dia, tem dia que estou afim de lavar cada copo, eu lavo. (Suzane, 37 anos, heterossexual, branca, dentista, mineira)

Este atributo faz com que estas pessoas não sintam solidão por estarem sozinhas, mostrando que a solidão não é presente e nem incomoda. Pelo contrário, segundo Rafael (46 anos) a solidão significa crescimento e aprendizagem. E para Amanda (41 anos), estar sempre ocupada evita este sentimento.

> O exercício da solidão leva a certo conhecimento de si mesmo (Rafael, 46 anos, heterossexual, pardo, professor, baiano)
>
> O exercício da solidão é raro para mim. Eu fico sempre ocupada. Chego em casa e sempre tenho algo para fazer, minha mente sempre está ocupada. (Andréia, 32 anos, heterossexual, branca, professora, baiana)

Este sentimento também não é percebido porque as pessoas possuem uma rede social significativa, formada especialmente pelo ciclo de amizades e que são alimentadas pelas tecnologias de comunicação (celular e computador/internet, principalmente). Em se tratando das camadas médias urbanas, Gilberto Velho (1989) sinaliza a importância das redes de amizade que tem valor tão significativo quanto a família, mostrando sinais de novas relações nos grandes centros urbanos.

> Eu tenho algumas amigas que as vezes ligam pra mim sete horas da manhã, [...] falam – [...] terererere [imitando as amigas falando ao telefone] e falam de ontem, o que sonhou, o que estão pensando, me

> ligam muito de manhã cedo, na hora do almoço, de noite a gente se fala, ela tem um telefone que fala de graça. [...] Talvez por isso eu não sinta tanta falta, muitas pessoas que eu converso muito não estão presentes na minha casa, eu não sinto muita falta de ter alguém dentro da minha casa, é bom também quando tem, mas agora é bom também eu ta só. (Suzane, 37 anos, heterossexual, branca, dentista, mineira)

Foi presente na fala dos/as participantes a possibilidade de liberdade que a moradia individual permite em termos de flexibilidade de horários, organização da casa que é feita de acordo com o jeito de ser de cada pessoa, e também de, estando sozinho/a, não ter que dar satisfações a ninguém.

> Sabe aquela liberdade de ninguém poder te cobrar nada. Eu acho uma maravilha.(Graça, 32 anos, heterossexual, branca, consultora de vendas, baiana)

Esta liberdade pode estar relacionada ao individualismo, que foi considerado como fazendo parte das pessoas solteiras. Elas consideram que são individualistas no sentido de se colocarem como prioridade para as escolhas, de muitas vezes não estarem aberta a compartilhar o que é seu.

> Eu acho que as pessoas solteiras são mais individualistas, elas querem as coisas do próprio jeito, querem e fazem tudo à sua maneira, não seguem muito o grupo. Elas tem suas vontades próprias. Elas ficam mais sistemáticas, gostam das coisas do seu jeito, de pensamento, organização. Ficam um pouco egoístas também. (Suzane, 37 anos, heterossexual, branca, dentista, mineira)

> Eu acho que as pessoas são individualistas estando solteiras ou casadas. Mas estar solteiro reforça o individualismo. (Rafael, 46 anos, heterossexual, pardo, professor, baiano)

Neste sentido, há conflito para quem está solteira, gosta de preservar sua liberdade e se considera individualista, e ao mesmo tempo quer encontrar alguém para construir um relacionamento estável.

> Eu particularmente adoro morar só. Eu gosto. E eu vejo isso até como um problema pra mim, porque eu quero um amor, eu quero um companheiro e ao mesmo tempo eu adoro morar só. (Graça, 32 anos, heterossexual, branca, consultora de vendas, baiana)

As pessoas do grupo almejam um relacionamento estável e um casamento, com exceção de Amanda (41 anos) e Vinícius (31 anos, homossexual) que preferem continuar solteiros e morando sozinhos. No entanto, esta busca não se coloca de forma “desesperada”, porque estão satisfeitas com a vida de solteiro/a pelos motivos elencados e por terem optado morar só, diferente de quem terminou um relacionamento ou quem busca e não encontra alguém ideal para casar.

A vida de solteiro/a não significa ausência de relações sexuais. As pessoas relataram que praticam sexo casual com pessoas próximas de preferência (amigos ou ex-namorados). As mulheres falaram mais sobre este assunto no grupo do que os homens, relatando que separam sexo de relacionamento, o que mostra uma postura diferente da tradicional, em se tratando da construção social do ser mulher.

> Eu sou muito liberal. Eu não sou uma pessoa que tem muito tabu. Eu sei que sexo é uma coisa e relacionamento é outra. Eu tenho, é, PA [*pica amiga, ou seja, alguém com quem se encontra somente para transar*] e se eu começo alguma coisa com alguém e eu vejo que o cara não quer nada, e se ele é bom de cama, eu não me importo de continuar transando com ele. Meu coração está aberto, mas eu não quero nada com ele, e vou ficar continuando buscando outra pessoa. Mas eu quero é transar. Se ele for bom de cama, eu vou querer. (Andréia, 32 anos, heterossexual, branca, professora, baiana)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As falas de homens e mulheres aqui trazidas, remeteram a uma concepção positiva do estar solteiro(a), e também de morar só, possibilitada pela liberdade de escolha tanto na forma de organização da rotina, das atividades de lazer, como no campo afetivo-relacional onde buscam preservar a individualidade e exercer o prazer. O contexto da grande cidade também permite o trânsito destas pessoas por espaços de lazer, apesar da maioria destes ser freqüentado por pessoas abaixo dos trinta anos, além da disponibilidade de serviços que facilitem o cotidiano das pessoas solteiras.

Por um lado, consideram que as pessoas solteiras são individualistas e que o fato de morarem sozinhas facilita a exacerbação desta característica, a emergência de manias que podem manter as pessoas nesta posição de estarem solteiras. Estes aspectos estão presentes no bojo das discussões sobre as relações atuais quando se há um discurso social da preservação da individualidade e a exacerbação do “eu”, em detrimento de um coletivo, o que gera um desafio no campo das relações sócio-afetivas.

O sentimento de solidão pouco existe, porque é afastado com a auto-satisfação em estar só, o grande número de ocupações que as pessoas podem exercer e o fortalecimento das redes sociais, além dos usos das tecnologias de comunicação para manutenção destas redes.

No entanto, os aspectos elencados mostram sinais de questionamento do destino que para muitas pessoas adultas e inseridas no mercado de trabalho, como as aqui ouvidas, seria o casamento e a constituição de família e que, no entanto, não faz parte da dinâmica da vida atual destas pessoas, e que, por levarem uma vida com características de maior liberdade e preservação do “eu”, questionam o modelo de casamento vigente, apesar de alguns almejarem uma relação estável. Qual o ideal de relação esperado? Quais as principais críticas em torno do casamento? Quais os preconceitos ainda vivenciados por homens e mulheres solteiros adultos? Essas e outras questões estão sendo analisadas a partir dos grupos focais e serão apresentadas em outros trabalhos.

O estudo ganha relevância para a psicologia social e para os estudos feministas porque dá visibilidade a uma categoria de pessoas – as solteiras - que merecem atenção nos estudos para se compreender como novas formas de sociabilidade, novos estilos de viver, de se relacionar e de construir identidades estão emergindo a partir de mudanças sociais, de valores, comportamentos e questionamentos das heteronormas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, D.S.V. Dando voz à diversidade: um estudo sobre pessoas solteiras de classes médias em Salvador**.** *Dissertação de Mestrado*. Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

BUTLER, Judith .*Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2003

CASTELLS, Manuel. O fim do patriarcalismo: movimentos sociais, família e sexualidade na era da informação. Em: ____ *O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura.* Cap.4. vol. 2, 3ª ed. Paz e Terra: São Paulo, 1999

DE LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. Em: HOLANDA, H.B. (org.) *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura***.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994, pp.206-242.

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.* Brasília: Líber Livro Editora, 2005

GONÇALVES, Eliane. Vidas no singular: noções sobre "mulheres sós" no Brasil contemporâneo. Campinas, 2007. *Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: http://www.agencia.fapesp.br/arquivos/vidas_no_singular.pdf

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas***.** São Paulo: UNESP, 1992

_____,. *Mundo em descontrole.* O que a globalização está fazendo de nós. Rio de Janeiro: Record, 2000

GUERREIRO, M.D.; ABRANTES, P. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. *RBCS* vol. 20 n. 58 junho, 2005

HARAWAY, Donna. Saberes localizados. *Cadernos Pagu (5)* Núcleo de Estudos de Gênero. PAGU/UNICAMP, 1995 p. 7-41

HARDING, Sandra. "Existe un método feminista?" In: Eli Bartra (org) *Debates em torno a uma metodología feminista***,** México, D.F.: UNAM, 1998.

JABLONSKI, Bernardo. Crenças e crendices sobre a sexualidade humana. *Psicologia teoria e pesquisa*, Brasília, DF, vol. 14, n.3, p. 209-218, set-dez 1998

LASCH, Cristopher. *A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio.* Trad. Ernani Pavareli. Rio de Janeiro: Imago, 1983

NERI, Sexo, casamento e solidão. *Conjuntura nacional*, junho, 2005 Disponibiliade e acesso: http://www.fgv.br/ibre/cps/artigos/Conjuntura/2005/Sexo,%20casamento%20e%20solidao.pdf Acessado em 25/07/2005

SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analysis. In: _____ *Gender and the politics of history*. New York: Columbia University Press, 1988, pp.:28-52. [Gênero: uma categoria útil para análise histórica. Recife: SOS Corpo e Cidadania, 1993]

SEVERIANO, M.F.V. *Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais de consumo na contemporaneidade***.** São Paulo: Annablume, 2001

TAVARES, Márcia Santana. Os novos tempos e vivências da “solteirice” em compasso de gênero: ser solteira e solteiro em Aracaju e Salvador. Salvador,2008. *Tese de Doutorado.* Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal da Bahia.

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade, uma experiência de geração***.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989

WITTIG, Monique. *The straight mind and other essays*. Boston, Beacon, 1992

KITZINGER, Jenny. The metodology of focus groups: the importance of interaction between research participants. *Sociology of health and illness,* v. 16,n.1,1994, p.103 apud GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.* Brasília: Líber Livro Editora, 2005